

## Lúcio Cardoso e a coluna “O crime do dia”

Cássia dos Santos<sup>1</sup>

EM CONFERÊNCIA PROFERIDA EM 11 DE JULHO DE 2017 NA ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS como parte do Ciclo intitulado “Cadeira 41”, destinado a divulgar a obra de quatro escritores brasileiros que não integraram os quadros da Academia<sup>2</sup>, a pesquisadora Valéria Lamego tratou da pouca conhecida colaboração de Lúcio Cardoso junto ao extinto jornal *A Noite*. Nascido em 1912 em Minas Gerais e falecido em 1968 no Rio de Janeiro, Lúcio foi romancista, poeta e artista plástico, entre tantos outros ofícios e papéis que desempenhou. Autor pouco estudado durante décadas, passou a receber crescente atenção nos meios universitários a partir de 1999, quando a Civilização Brasileira iniciou a reedição de seus livros com o famoso *Crônica da casa assassinada*, seu romance mais relevante, de 1959.

Em abril de 2013, Valéria Lamego havia defendido na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro sua tese de Doutorado intitulada *O conto e a vida literária de Lúcio Cardoso (1930-1950)*. Considerando um conjunto de cerca de 400 contos publicados por Lúcio em vários periódicos ao longo das décadas de 1930, 1940 e 1950, Lamego ressaltou a importância dessa produção do escritor para a análise da sua obra romanesca. No quarto capítulo da tese, conferindo destaque aos contos elaborados especialmente para a coluna “O crime do dia” do jornal *A Noite*, ela lançou luz sobre um período um tanto obscuro da trajetória do ficcionista — os anos de 1952 e 1953. Abriu, ainda, as portas para novas pesquisas ao fornecer na bibliografia um vasto levantamento com os 265 textos da coluna.

Antes disso, em meados de 2012, já havia sido lançado, na *Revista Brasileira* da Academia Brasileira de Letras, um artigo no qual um dos contos concebidos por Lúcio para *A Noite*, intitulado “A sedutora”, de 28 de junho de 1952, era tomado como fonte para a discussão do processo de criação de Nina, a protagonista do romance *Crônica da casa assassinada*. Composto com base em cópia do texto depositada no Arquivo Lúcio Cardoso na Fundação Casa de Rui Barbosa, o artigo já permitia vislumbrar o grande potencial desses contos para o entendimento de aspectos relacionados à obra madura do escritor mineiro. Contudo, o fato de o conto analisado integrar um grupo de apenas 56 textos, datilografados de exemplares do jornal que não haviam sido preservados, impedia a consulta irrestrita a todo o material, o que se viabilizou quando a Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional concluiu a digitalização de todos os exemplares de *A Noite* em outubro de 2012.

Com o processo de digitalização completo e o levantamento feito por Valéria Lamego divulgado, os textos puderam ser facilmente conhecidos na sua totalidade e sua leitura pôs em evidência

---

<sup>1</sup> Pontifícia Universidade Católica de Campinas. E-mail: [cassia23@gmail.com](mailto:cassia23@gmail.com).

<sup>2</sup> Ciclo de conferências promovido pela Academia Brasileira de Letras e realizado sob a coordenação da escritora Ana Maria Machado, o “Cadeira 41” ocorreu no mês de julho de 2017 e constituiu-se de conferências sobre Júlia Lopes de Almeida, Lúcio Cardoso, Lima Barreto e Clarice Lispector. Informações disponíveis no link: <http://www.academia.org.br/noticias/escritor-luiz-ruffato-abre-na-abl-o-ciclo-de-conferencias-cadeira-41-sob-coordenacao-da>. Acesso em: 10 jan. 2018.

dados bastante interessantes. No dia em que o primeiro conto de Lúcio no periódico era publicado — 2 de abril de 1952 —, também era veiculada uma pequena apresentação do novo colaborador, redigida nos seguintes termos:

Desde hoje, conta este vespertino [com] um novo colaborador, o jovem e brilhante escritor Lúcio Cardoso, laureado pela “Fundação Felipe de Oliveira”, pelo conjunto de sua obra de poeta, romancista e teatrólogo. Estreando em 1934, com o livro *Maleita*, conquistou, desde logo, prestigioso lugar, entre a nova geração. Publicou, sucessivamente, numerosos outros volumes que a crítica recebeu com aplausos.

É esse marcante valor das letras nacionais que vem fazer parte agora da redação de A NOITE, em cujas colunas escreverá, diariamente, uma nova seção, intitulada “O crime do dia”. Entre os episódios que formam a matéria habitual da reportagem policial, Lúcio Cardoso escolherá o que lhe parecer mais sensível ou palpitante, a fim de transpô-lo para o plano literário, amenizando-lhe a crueza da realidade com os delicados matizes da arte do ficcionista e, ao mesmo tempo, de arguto observador da alma humana.

Trazendo-o para a redação de A NOITE, temos certeza de que estamos cumprindo o propósito de oferecer ao público o mais variado e atraente material de leitura, tanto na informação como no comentário.<sup>3</sup>

Confirmando o que fora exposto na apresentação, os primeiros contos formulados para a coluna eram baseados em incidentes reais, abordados inclusive em reportagens policiais editadas no jornal, mas com o tempo isso se modificou. Como assinalou Valéria Lamego em “É quase tudo ficção: Lúcio Cardoso e O crime do dia”, o sugestivo título da conferência mencionada no início deste artigo, passado o período da estreia, o escritor foi progressivamente se afastando dos casos reais:

Nas primeiras colunas, os personagens eram decalcados do cotidiano da reportagem policial, mas, com o passar dos meses, as histórias ganham autonomia e se afastam do mundo objetivo e dicotômico do crime. A coluna foi pensada para um leitor específico e alguns ingredientes eram indispensáveis para capturá-lo: os crimes passionais e os triângulos amorosos.<sup>4</sup>

<sup>3</sup> O CRIME do dia: Lúcio Cardoso, brilhante escritor, um novo companheiro de trabalho. *A Noite*, Rio de Janeiro, ed. 14.059, p. 1 e 12, 2 abr. 1952. Disponível em:

<[http://memoria.bn.br/DocReader/348970\\_05/11860](http://memoria.bn.br/DocReader/348970_05/11860)> e

<[http://memoria.bn.br/DocReader/348970\\_05/11871](http://memoria.bn.br/DocReader/348970_05/11871)>. Acesso em: 10 jan. 2018.

Os trechos aqui reproduzidos de todos os textos publicados em *A Noite*, bem como no *Jornal do Commercio* e no *Diário Carioca*, tiveram sua ortografia atualizada de acordo com as normas em vigência. Erros evidentes também foram corrigidos.

<sup>4</sup> LAMEGO, Valéria Fernandes. É quase tudo ficção: Lúcio Cardoso e O crime do dia. (Ciclo de Conferências “Cadeira 41”, promovido pela Academia Brasileira de Letras sob a coordenação de Ana Maria Machado).

É justamente nesse movimento de afastar-se da realidade tangível nas páginas do jornal que talvez resida o que de mais instigante há em “O crime do dia” para os leitores da obra de Lúcio Cardoso hoje. Primeiramente, porque é possível verificar como, centrando-se em velhas obsessões, o romancista passou a inventar contos que guardavam semelhanças com situações e figuras existentes em alguns de seus livros anteriores, sobretudo com as das novelas do ciclo *O mundo sem Deus* (*Inácio*, *O enfeitado* e *Baltazar*), redigidas em 1944, 1947 e 1949. Em segundo lugar, porque, indo além do diálogo com a obra passada, na seção há contos que apontam na direção oposta, demonstrando que Lúcio igualmente se exercitou no desenvolvimento de temas e ideias que não tardariam a ganhar forma em sua obra futura.

O objetivo deste artigo é apresentar alguns desses contos, considerando a contribuição que podem dar ao estudo da *Crônica da casa assassinada*, de 1959, e de *O viajante*, de 1973, romance inacabado e publicado postumamente, cuja redação representou para o autor mineiro um constante desafio.

### “O crime do dia” e a *Crônica da casa assassinada*

Em “O criador e a criatura: notas sobre a concepção de Nina da *Crônica da casa assassinada*”, afirmou-se que os contos veiculados em *A Noite* “são textos que não devem ser menosprezados, se o que se deseja é a compreensão dos processos criativos de Lúcio Cardoso”<sup>5</sup>. Tal ponto de vista era sustentado com a análise do processo de caracterização de Violeta, a protagonista do conto “A sedutora”. Bela, fascinante e misteriosa, ela não hesita em reaproximar-se do filho Maurício, que abandonara na infância, envolvendo-se com ele e revelando-se como uma espécie de antecessora de Nina no seu relacionamento com André.

Os contos de *A Noite* exibem várias outras mulheres parecidas com Nina e Violeta, belas, atraentes e prontas a despertar as maiores paixões, criaturas perante as quais os homens se sentem pusilânimes. Entre elas, sobressai a Camila, de “Um golpe”, que seduz e convence Romualdo a cometer um roubo no escritório de seu marido, onde ele era secretário. Chama a atenção do leitor da *Crônica da casa assassinada* a paixão de Camila por um outro homem, o jardineiro português que trabalhava em sua casa, com quem foge enganando Romualdo e conseguindo realizar aquilo que para Nina faltara coragem, como ela teria confidenciado a Ana no capítulo 27 do romance. É ainda a cena com a figura de Nina vestida com um *négligé* cor-de-rosa e esbofeteando Alberto, o jardineiro português da Chácara dos Meneses, que vem à mente do leitor quando esse sabe como Romualdo conhecera Camila:

---

Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=50XABvDjQco>>. Acesso em: 10 jan. 2018. Trecho citado aproximadamente no 21º minuto do vídeo.

<sup>5</sup> SANTOS, Cássia dos. O criador e a criatura: notas sobre a concepção de Nina da *Crônica da casa assassinada*. *Revista Brasileira*, Rio de Janeiro, Fase VIII, ano I, n. 72, p. 218, jul./set. 2012. Disponível em: <<http://www.academia.org.br/sites/default/files/publicacoes/arquivos/revista-brasileira-72.pdf>>. Acesso em: 10 jan. 2018.

Rememorava o dia em que a conhecera, quando o chefe pedira que ele fosse até a sua casa para entregar uma encomenda. Desde o primeiro momento extasiara-se com a beleza daquela mulher, exibindo-se quase despida sob as formas leves de um *négligé* cor-de-rosa. Haviam trocado os primeiros olhares, ele um pouco sem intenção, é verdade, ela toda pecado desde o primeiro minuto, os olhos ardendo de promessas incontidas, um cheiro morno e embriagador desprendendo-se do seu corpo. O chefe adquirira o hábito de enviá-lo sempre à sua residência e assim ele fora entrando num contato maior com Camila, e acabara seu amante. A proposta para o “golpe” viera muito tempo depois, quando a situação já se tornara crítica e ele se apaixonara deveras, inteiramente subjugado pelas graças perigosas daquela mulher.<sup>6</sup>

Em “Notas de um diário”, de 3 janeiro de 1953, mais um homem fraco se vê enredado pelos ardis de uma bela mulher, chegando a ponto de matar para unir-se a ela. Porém, assim como em “Um golpe”, o seduzido, Osvaldo, é somente um instrumento nas determinadas mãos femininas, incapaz de reagir diante de seu domínio. Nesse conto em especial, a forma de composição é digna de nota: como o título permite inferir, Osvaldo relembra os fatos que o levaram à perdição, construindo um relato que antecipa o bom uso que o gênero diário terá na redação da *Crônica da casa assassinada*.

Mas nem só de mulheres fatais, de roubos e assassinatos era constituída a coluna “O crime do dia”. Traições, calúnias, torturas, adultérios, incestos, abusos, envenenamentos, suicídios, afogamentos, estupros e profanações abundavam nos contos, compondo um rol de atrocidades. Por vezes, entretanto, o crime se revestia de contornos mais sutis, tal como em “A visita”, de julho de 1953, que se mostra significativo para a compreensão do caráter de Demétrio, o mais velho dos Meneses da *Crônica*. Ao explicar como o marido costumava visitá-la antes do casamento para conferir os progressos em sua educação, Ana rememora, no capítulo 8 do romance, as palavras que ele dirigia à sua mãe:

Demétrio declarava-se satisfeito com o exame — vire à direita, sorria, mostre como se cumprimenta em sociedade — e dizia à minha mãe: “Está muito bem. É preciso ter sempre na memória que um dia ela será Meneses.” Mandava-me embora, mas antes, inclinando-se um pouco — um quase nada, o suficiente apenas para aspirar o perfume de meus cabelos — acrescentava: “A senhora sabe... receberemos um dia a visita do próprio Barão. Quero apresentar uma esposa digna, alguém que possa ofuscar, pelas suas graças, essa Baronesa que trouxe de Portugal.” Eu não sabia ainda que essa visita do Barão era a sua doença, a sua mais cara obsessão. Ou melhor, para ser justa e exprimir tudo o que vi e ouvi a esse respeito, direi — de toda a família Meneses. Porque, em nosso Município, era a única família que por bem ou por mal consideravam acima dos Meneses, não só pela fortuna, que se dizia imensa, como pela tradição, uns descendentes diretos dos Braganças lusitanos. Davam-se cordialmente, é preciso que se esclareça, cumprimentavam-se, trocavam duas ou três palavras à saída

<sup>6</sup> CARDOSO, Lúcio. Um golpe. *A Noite*, Rio de Janeiro, n. 14.245, p. 9, 7 nov. 1952. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/docreader/348970\\_05/15524](http://memoria.bn.br/docreader/348970_05/15524)>. Acesso em: 10 jan. 2018.

das missas mas, ou por excessiva consciência de sua importância, ou apenas para castigar a vaidade dos Meneses, jamais o Barão os havia visitado, se bem que promettesse sempre, com a magnanimidade e a facilidade dos reis e dos príncipes. Assim, de ano para ano, essa visita foi se tornando um ponto doloroso, um quisto na alma daquele que seria meu marido. Nada fazia, nada pensava que não girasse distante ou perto dessa possibilidade — era como se esperasse dela o selo final, a sanção definitiva da sua glória e da notoriedade de sua família.<sup>7</sup>

No fim do livro, com a evolução da doença de Nina e a iminência da sua morte, a visita do tão esperado Barão está prestes a converter-se em realidade. Não obstante, em sua ânsia de precipitá-la, Demétrio envia um emissário à fazenda do Barão com a notícia do velório e manda conduzir o corpo quente da cunhada para a sala, despertando a ira de Valdo que chega a julgar que a mulher ainda estaria viva:

Toquei-a de novo, ansiosamente: morna, viva ainda. Ah, por que não haviam deixado que ela esfriasse em seu próprio leito, e fugisse para a vida eterna como quem se agasalha num sono normal? Por que aquela crueldade inútil, aquele requinte em se despojar de um ser que ainda não sucumbira totalmente? Abandonei-a, o rosto descoberto. Devagar, voltei ao corredor. De pé, Betty me fitava. Frios, seus olhos acompanhavam todos os meus movimentos. Então não mais fui capaz de conter o grito que se rompeu nos meus lábios:

— Betty, como aconteceu, quem mandou tirá-la da cama?

Sua voz pareceu vibrar de impaciência:

— Já disse, foi o Senhor Demétrio quem deu ordem para tudo, Senhor Valdo. Eu não queria...

Contou-me então que ele aparecera no quarto, sem contudo aproximar-se da cama. Ficara de longe, ligeiramente de costas, um lenço contra o nariz. Mesmo da distância em que se achava, fora logo afirmando: “Ela está morta.” Pela primeira vez desde que pisara naquela casa, ela discordara de uma opinião sua. “Talvez não, Senhor Demétrio, talvez ainda não tenha exalado o último suspiro.” Ele se irritara, tirando o lenço do rosto: “Afinal, quem é que dá ordens nesta casa?” Betty invocara os dias que passara à cabeceira da agonizante, sua experiência da morte — já vira tanta gente se ir deste mundo... — e até mesmo os sentimentos cristãos que se devem guardar em transe como aquele. Ele fora ríspido, sabia muito bem daquelas coisas. “Mas Dona Nina está morta, e bem morta. O resto são sentimentalismos de mulheres.”<sup>8</sup>

<sup>7</sup> CARDOSO, Lúcio. *Crônica da casa assassinada*. Edição crítica coordenada por Mario Carelli. Espanha: Arquivos, CSIC, 1991, p. 121.

<sup>8</sup> *Ibidem*, p. 500-501.

Betty, a governanta da casa, revela a Valdo como Demétrio ordenara, então, que Ana examinasse Nina e, mal tocando em seu rosto, aquela confirmara a sua morte, dispendo-se a arranjar o corpo. Depois, diante da impossibilidade de retirar o lençol que estava grudado na altura do busto, Demétrio havia determinado que fosse envolto em um segundo lençol e levado à sala, o que teria deixado a governanta inconformada:

“Mas a coitada... assim num lençol... sem mais nada?” Ana voltara-se para ela, sorrindo de um modo onde havia enorme complacência. “Não, Dona Ana, assim não...”, suplicara ainda, sem se dar por vencida. Mas Ana libertou-se com um movimento brusco, puxando o lençol sobre o rosto daquela que supunha morta. “É horrível — genera Betty ainda — e se a pobrezinha estiver viva?” Ana nem sequer respondera, fora até a janela e, rodando o trinco, abriu-a de par em par. A luz de fora penetrou violenta no quarto: o corpo, resguardado sob o pano branco, como que de repente se tornou mais estranho e mais desamparado.<sup>9</sup>

A mesma insensibilidade e a falta de respeito perante a morte caracterizam a personagem de Dona Sebastiana, protagonista do conto “A visita”. Desde que a filha mais velha fugira de casa com um cabo de polícia e sua família tornara-se alvo da maledicência dos vizinhos, ela passara a desejar ansiosamente a ida da Baronesa, proprietária da maior fazenda do lugar, à sua casa, como se isso pudesse resgatar “para sempre o aleive deixado pela conduta indigna da filha”<sup>10</sup>. Quando Carlindo, o filho, adoece e é diagnosticado com uma tuberculose galopante, Dona Sebastiana se alegra imaginando que a Baronesa, madrinha do rapaz, não poderia deixar de visitá-lo. Alheia ao sofrimento do filho e à gravidade de seu estado de saúde, segue indiferente às preocupações dos demais, pensando apenas nos termos do bilhete com o qual mandaria chamar a visitante ilustre. Finalmente, numa das noites em que Carlindo pôs-se a deitar sangue pela boca,

como uma coisa soprada por um espírito diabólico, veio-lhe a ideia de aproveitar aquela agonia, exatamente como uma agonia, e mandar o bilhete avisando que o filho se achava muito mal e que desejava ver a madrinha uma última vez. Foi ao quarto, redigiu o recado como pôde e mandou um molequinho correndo à fazenda.<sup>11</sup>

As horas passavam, o doente agonizava e o dia já clareava quando o menino veio avisar que a Baronesa estava chegando:

<sup>9</sup> Ibidem, p. 502-503.

<sup>10</sup> CARDOSO, Lúcio. A visita. *A Noite*, Rio de Janeiro, n. 14.447, p. 9, 9 jul. 1953. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/docreader/348970\\_05/19411](http://memoria.bn.br/docreader/348970_05/19411)>. Acesso em: 10 jan. 2018.

<sup>11</sup> Ibidem.

Dona Sebastiana perdeu a cabeça e começou a gritar que o filho já tinha morrido. Josué, que lhe sustentava a cabeça, afirmava que não — e afinal, indo ao guarda-roupa, ela apoderou-se das melhores roupas do rapaz, das que ele costumava usar em ocasiões de festa, dizendo:

— Está morto, sim, e vou vesti-lo para a cerimônia.

Josué quis impedir-lhe o ato sacrílego, mas ela empurrou-o, dizendo:

— Está morto, sim, você não vê que nem sequer se move mais?

Vestiu-o à força, enquanto as derradeiras convulsões sacudiam o corpo do rapaz. Foi ainda vivo que ela fechou uma vela entre as suas mãos. Extasiado, o pai contemplava a cena — e com a roupa mal ajustada ao corpo, mal estendido, ainda sacudido pelas convulsões da agonia, o pobre rapaz fitava os presentes, e seu olhar dizia toda a mágoa que aquele instante lhe causava. Foi neste instante, exatamente, que o moleque avisou:

— Não era a Baronesa, foi um engano.

E como que um sorriso deslizou pelas faces do “morto”.<sup>12</sup>

Embora o grau de tensão dramática do conto não se aproxime daquele que distingue as cenas ocorridas na casa dos Meneses, não há como deixar de constatar as semelhanças no desenrolar do enredo e na eleição da visita como a grande obsessão da personagem. Convergências ainda mais evidentes podem ser estabelecidas com alguns dos contos avaliados em seguida, com os quais Lúcio Cardoso parece ter ensaiado a composição de crimes e de personagens que integrariam *O viajante*, romance editado postumamente em 1973.

### *“O crime do dia” e O viajante*

Dois meses após a publicação da *Crônica da casa assassinada*, Lúcio concedeu ao amigo Walmir Ayala uma entrevista na qual se referia ao livro recém-lançado e a outros que deveriam sucedê-lo. Entre eles, incluiu *O viajante*, cuja ação transcorreria na mesma cidade imaginária de Vila Velha, que ambientara a história da família Meneses:

— Sabe-se de um romance inédito e já pronto, *O viajante*. Que relação tem com a *Crônica da casa assassinada*?

— *O viajante* foi escrito e concebido quase que no mesmo instante em que a *Crônica da casa assassinada*. É mais extenso e mais espesso. Nele aparecem algumas das figuras da *Crônica*, e a paisagem é a mesma. É como se fosse uma outra visão da cidade onde decorrem os acontecimentos do primeiro romance. Esta cidade, aliás, surgirá em todos os outros romances, porque, latente, é a história dela que estou tentando através de sucessivos volumes.<sup>13</sup>

<sup>12</sup> Ibidem.

<sup>13</sup> CARDOSO, Lúcio. Lúcio Cardoso considera-se um grande pecador, porém confia na indulgência divina. *Boletim Bibliográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, vol. 7, n. 4, maio 1959. Entrevista concedida a Walmir Ayala.

Ainda que as palavras de entrevistador e de entrevistado permitissem supor que o novo romance já estivesse concluído no momento contemporâneo à entrevista, sabe-se que isso não era verdade, dado já exposto, por sinal, em estudo sobre a obra do escritor mineiro<sup>14</sup>. Não sendo esse o objeto de interesse deste ensaio, importa discutir, em contrapartida, que contos de *A Noite* podem ter funcionado como um espaço de experimentação para a escrita de *O viajante*.

O primeiro texto a ser mencionado é “O açougue”, editado em 16 de agosto de 1952. Ambientado na cidade do Rio de Janeiro, tem como personagens o proprietário de um açougue e sua esposa, que lhe era infiel. Quando ele a surpreende em casa com o amante, depois de ter sido alertado por uma freguesa, tem lugar uma cena brutal e sanguinolenta: com o machado com que exercia seu ofício, o açougueiro esquarteja a mulher, que assume a forma de um monte de carne irreconhecível. Se bem que nem todos os traços de caracterização dessas duas personagens possam ser identificados nas personagens de *O viajante*, a cena do esquartejamento, com o detalhamento das partes que eram cortadas, é sugestiva de outra especialmente forte do romance: a do carpinteiro Mestre Juca brandindo o machado para matar Sinhá, a jovem que fora violentada por Rafael, o caixeiro-viajante do título. Em ambos os crimes, há um componente passional: Sinhá, que não era casada com Mestre Juca, mas sobrinha de sua esposa, havia lhe prometido que não se relacionaria afetivamente com homem algum.

Outro conto que se destaca é “Mentirosa”, de 4 de setembro de 1952. Sua protagonista é uma menina, Lili, que, na sua inequívoca atração pelo mal, assemelha-se à Babete de *O viajante*. Essa

não tinha mais de onze anos de idade, mas sua precocidade, nas fugas pelos cantos escuros do jardim da igreja, com os meninos das vizinhanças, sua curiosidade, enfim, que lhe emprestava aquele ar ao mesmo tempo doloroso e envelhecido, haviam-lhe ensinado quase tudo o que de mal existe neste mundo.<sup>15</sup>

Filha de Dona Fina e do sacristão Bento Mendes, ela descobre que o pai tinha uma amante ao encontrar no seu breviário o retrato de uma mulher nua e, mesmo sabendo que a mãe era cardíaca, revela-lhe a traição. Dona Fina tem uma síncope, o médico e o padre são chamados, mas Bento Mendes julga que se trata de uma crise passageira. Babete discorda, fitando-o “com olhos indefiníveis”<sup>16</sup>, e passa insistentemente a observá-lo, que se irrita e diz: “Você tem um modo de olhar de que não gosto”<sup>17</sup>. O sexto capítulo do romance, intitulado “O olhar de Babete”, está incompleto. Apesar disso, várias

<sup>14</sup> SANTOS, Cássia dos. *Uma paisagem apocalíptica e sem remissão: a criação de Vila Velha e da Crônica da casa assassinada*. Campinas, SP, 2005. 282 f. Tese (Doutorado em Teoria e História Literária), Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas. Disponível em: <<http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/270213>>. Acesso em: 10 jan. 2018.

<sup>15</sup> CARDOSO, Lúcio. *O viajante: romance (obra póstuma)*. Nota de Adauto Lúcio Cardoso. Introdução de Octavio de Faria. Rio de Janeiro: José Olympio, 1973, p. 55.

<sup>16</sup> Ibidem, p. 146.

<sup>17</sup> Ibidem, p. 147.

características atribuídas por Lúcio à personagem parecem ter sido recuperadas da Lili do conto, cujo início é transcrito abaixo:

Desde cedo manifestara uma estranha inclinação para mentir. Magra, gestos nervosos, com um modo precoce e desabusado de olhar, atraía a atenção como se de sua personalidade irrompesse continuamente uma aura candente e alucinada. A própria mãe, inquieta, repreendia-a às vezes:

— Lili, isto não são modos de olhar as pessoas... Onde é que você aprendeu isto?

Ela lançava-se imediata e calorosa num verdadeiro caudal de palavras:

— É que você não sabe, mãe, ela estava piscando para aquele homem ali na esquina... Eu vi, eu vi tudo.

A mãe escandalizava-se:

— Que imaginação horrível, minha filha. Ainda que fosse verdade, não são coisas para uma menina da sua idade andar comentando...

Comentando e muito menos vendo, pensava ela com secreta amargura. Havia naquele pequeno ser saído de suas entranhas uma habilidade precoce para descobrir o mal — e era realmente singular que ela o visse com tanta insistência, em lugares tão despropositados, e em gestos que pareciam inocentes para a maioria.<sup>18</sup>

Com outros dois contos elaborados no intervalo de quatro meses, o ficcionista concebeu duas personagens de cuja soma ou mistura resultaria o essencial da figura do sacristão, pai de Babete. A primeira delas é o protagonista de “O sacristão”, de fevereiro de 1953, cuja ânsia de liberdade e vontade de viver o levam a roubar os donativos da igreja onde servia. Envolvendo-se com a criada do padre, esse primeiro sacristão, que não recebe nome, termina por assassinar o pároco e fugir sozinho com o dinheiro, abandonando a amante que tem receio de acompanhá-lo.

O Bento Mendes de *O viajante*, é certo, não se converterá em assassino, mas há nele a mesma volúpia de viver que tanto singulariza a personagem do conto. Essa febre e esse desejo de vibrar com uma paixão, acreditando “na sua capacidade de inventar vida”<sup>19</sup>, não passam despercebidos a Rafael, com quem travara amizade, que, no seu prazer em instigar o mal, incentiva Mendes a roubar parte dos donativos da igreja para ter a sua tão desejada hora de amor com a prostituta Graciosa.

Na aparência física, Bento Mendes se assemelha extraordinariamente ao sacristão do segundo conto, denominado “Vingança”. São ambos homens de meia-idade, pequenos, com olhos miúdos e carecas: Mendes, com “uma cabeça calva, obscena, circundada por uma tênue coroa de cabelos

<sup>18</sup> CARDOSO, Lúcio. Mentirosa. *A Noite*, Rio de Janeiro, n. 14.190, p. 11, 4 set. 1952. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/docreader/348970\\_05/14448](http://memoria.bn.br/docreader/348970_05/14448)>. Acesso em: 10 jan. 2018.

<sup>19</sup> Op. cit., p. 66.

esfarrapados e vermelhos”<sup>20</sup>; Jerônimo, por sua vez, “calvo com algumas farripas de cabelo vermelho escorrendo sobre as orelhas, de olhar suntuoso e mau”<sup>21</sup>.

Se o primeiro não era apreciado por algumas paroquianas, sobretudo por Donana de Lara, uma das moradoras mais ricas da cidade, que considerava que o sacristão estava se transformando “no verdadeiro vigário de Vila Velha, mandando e desmandando”<sup>22</sup>, o segundo era detestado pelas beatas do lugarejo em que vivia. Contavam a seu respeito muitas histórias, “maldades pequenas e grandes, que nunca haviam podido averiguar ao certo se eram verdade ou não”<sup>23</sup>. A despeito disso, Jerônimo, que escutava os comentários e sabia o que achavam de si, movido por um ódio ilimitado, decide que iria vingar-se.

O curioso é que a oportunidade surge com a realização de uma festa religiosa planejada para angariar donativos para a construção da igreja nova, mesmo motivo que levará Rafael, o caixeiro-viajante, à Vila Velha do romance. A descrição da praça do vilarejo, com as barracas “alinhas, coladas umas às outras, adornadas de bandeirolas de papel que tremulavam ao vento”<sup>24</sup>, e a alusão ao movimento extraordinário de pessoas para cuidar dos preparativos da festa antecipam a mesma azáfama que Rafael irá surpreender em Vila Velha, quando chegar para vender suas mercadorias. Mestre da pirotecnia, Jerônimo prepara os fogos que deviam animar a noite e, depois que todos tinham se deslumbrado com as chuvas de lágrimas coloridas iluminando o céu escuro, do alto da torre da igreja velha, faz com que os foguetes parem de subir e desçam até as barracas “como setas enormes, que rompiam os cordéis das bandeirolas, ateavam fogo a tudo, lambendo o madeirame frágil, com um furor cheio de danação”<sup>25</sup>.

Nenhuma cena parecida com essa integra o enredo de *O viajante*. A pequena cidade que ambienta a ação do romance — e de quase todas as narrativas inéditas de Lúcio Cardoso cujos originais se encontram no Arquivo da Fundação Casa de Rui Barbosa — só será abalada pelas duas mortes cruéis que Rafael, com seu potencial destruidor, ajudará a desencadear: o já mencionado esquarteramento de Sinhá por Juca do Vale e o assassinato do deficiente Zeca por sua mãe, Donana de Lara, aceito por todos como um lamentável acidente, no entanto.

O conto de *A Noite* que se relaciona à história do segundo crime — o filicídio — chama-se “Abismo” e foi publicado em 16 de janeiro de 1953. De todos os textos aqui comentados, é o que mais impressiona pelas similaridades que mantém com um dos episódios centrais do livro. A distinguir o crime praticado por Donana daquele cometido por sua antecessora, Dona Ruth, não há quase nada, em

<sup>20</sup> Op. cit., p. 230.

<sup>21</sup> CARDOSO, Lúcio. Vingança. *A Noite*, Rio de Janeiro, n. 14.424, p. 11, 12 jun. 1953. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/docreader/348970\\_05/18997](http://memoria.bn.br/docreader/348970_05/18997)>. Acesso em: 10 jan. 2018.

<sup>22</sup> Op. cit., p. 216.

<sup>23</sup> CARDOSO, Lúcio. Vingança. *A Noite*, Rio de Janeiro, n. 14.424, p. 11, 12 jun. 1953. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/docreader/348970\\_05/18997](http://memoria.bn.br/docreader/348970_05/18997)>. Acesso em: 10 jan. 2018.

<sup>24</sup> Ibidem.

<sup>25</sup> Ibidem.

verdade. Dona Ruth é, sem dúvida, um esboço de Donana: ambas enviuvaram cedo, tornando-se as únicas responsáveis pelos filhos únicos que têm. Esses — Paulinho no conto e Zeca no romance — são aleijados e incapazes de se expressar. Vivem presos às cadeiras de rodas e suas tristes vidas transcorrem dentro dos limites estreitos de suas casas. Paulinho nunca é levado a passear, Zeca sai muito pouco, mas sempre em direção ao Morro do Matadouro em Vila Velha, local lúgubre e cheio de reses mortas e urubus. Quando recebem visitas, tanto Dona Ruth quanto Donana escondem os filhos inválidos num canto da sala, vedado por uma cortina de chita vermelha. São duas mulheres amargas, que se imaginam esquecidas por Deus e que permanecem ligadas aos filhos somente pelo dever. Nenhum afeto ou gesto de carinho as move diante deles, descritos em sua melancolia e seu desamparo.

Para além de a história de Dona Ruth transcorrer no Rio de Janeiro e a de Donana, em Vila Velha, só há um elemento discordante entre elas: os traços de caracterização conferidos ao homem com quem cada uma se envolve. A primeira se deixa atrair pela proposta de um marujo, “um homem de bordo, que trazia sempre um embrulho de contrabando às costas e tinha o braço cheio de tatuagens”<sup>26</sup>. Ele a convida a viajar, mas ignora por completo o que a prende à casa, nem sequer suspeita que tenha um filho. No caso de Donana, contudo, Rafael, o caixeiro-viajante, não tarda a descobrir que havia um mistério em sua existência e, durante uma visita que lhe faz,

sem hesitação, como se de há muito já conhecesse o caminho, até mesmo já houvesse preparado aquela cena que ia se dar, Rafael encaminhou-se para o canto vedado — e adivinhando sua intenção, Donana de Lara também se pôs de pé, exclamando:

— Não!

Era tarde: com um único puxão, Rafael arrancou o pano mal pregado — e Zeca, imóvel, com o seu pobre olhar inocente, surgiu aos olhos dos dois.<sup>27</sup>

A partir do momento captado nessa cena, nada mais impedirá Donana de se entregar à sua aventura, julgando que, caso se livrasse do filho, poderia ir embora com o amante, certa, inclusive, de que era isso o que ele esperava dela. Perpetrado o crime, ele não irá reconhecer o pacto que teriam firmado e não demorará a deixá-la, abandonando Vila Velha, como os planos que subsistiram do romance inacabado permitem inferir. Quanto a Dona Ruth, a dimensão reduzida do conto impede que se conheça o que lhe sucederá após ter assassinado o filho, mas o fim do texto é expressivo da culpa que a perseguirá:

Quando chegou no topo, deixou escapar um suspiro de alívio. Via-se toda a paisagem, e a encosta descia num arranco brusco até o mar. Ao longe, gaivotas plainavam no céu azul. Ela ainda quis dizer alguma coisa, falar “olha o mar”, mas a voz desapareceu-lhe

<sup>26</sup> CARDOSO, Lúcio. Abismo. *A Noite*, Rio de Janeiro, n. 14.303, p. 9, 16 jan. 1953. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/docreader/348970\\_05/16676](http://memoria.bn.br/docreader/348970_05/16676)>. Acesso em: 10 jan. 2018.

<sup>27</sup> Op. cit., p. 87.

na garganta e, súbito, decidindo-se, abandonou na escarpa íngreme a cadeira do aleijado.

Foi neste instante que ele conseguiu voltar a cabeça e fitou-a: tudo o que nunca haviam se dito, a ciência que ele adquirira do mundo e das pessoas, a certeza de sua morte, a ciência daquele coração cego, tudo ela compreendeu naquele instante — e foi em toda a sua vida o único diálogo possível.

A cadeira rolou estrepitosamente até embaixo. Ela ergueu a cabeça e olhou o céu azul. Havia em torno um grande silêncio e, então, encolhendo-se como se tivesse frio, Dona Ruth desceu de novo a encosta, e o mundo lhe pareceu de repente uma grande coisa assustadora, uma ameaça que ela não compreendia.<sup>28</sup>

Mais fria e cruel que Dona Ruth, Donana não se deixará abater facilmente pelo remorso e tampouco retrocederá em seu desígnio homicida, mesmo consciente de que Zeca percebera que iria morrer, como se depreende da leitura do trecho reproduzido em seguida. Atente-se, em especial, à ênfase conferida ao olhar que mãe e filho trocam no instante derradeiro, que já caracterizara a cena de “Abismo”:

Zeca olhou o céu sem compreender.

E como a mãe insistisse, num gesto autoritário, tomou a rosa que conservava sobre o colo, ergueu-a à altura da face — e neste instante, como um único grito, um sentimento absoluto e definitivo dilacerou-lhe as entranhas, e ele deixou escapar um gemido, estendendo para o céu distante as mãos, e com elas, a rosa vermelha. [...] Descobrimo a vida, Zeca ao mesmo tempo descobrira a si mesmo e aos outros [...]. E descobrimo tudo isto, Zeca havia descoberto a morte. Rápido, seu olhar voltou-se para Donana, de preto — ela pressentiu a descoberta —, um grande tumulto se fez dentro dela — enérgica, gritou: “Lá, o azul” — e empurrando a cadeira, deixou-a escorregar pela ribanceira. Ainda dessa vez Zeca percebera o gesto e o seu significado, mas sem se importar com a cadeira, continuava a olhar para trás — o olhar, pensou Donana, o olhar amarelo, o olhar de Álvaro, seu último olhar — e tanto era o ímpeto que acionava Zeca, que ele se pôs um pouco de pé, e apoiava-se à borda da cadeira, meio erguido, a rosa na mão. A rosa na mão — foi a última imagem que ela viu. O movimento da cadeira descendo, ou o tremor do corpo de Zeca, o que quer que fosse, o certo é que a rosa se desfolhou. Ela fechou os olhos, escutando o barulho das rodas nas pedras. A cadeira bateu finalmente numa pedra, desviou-se, rodou um pouco mais, bateu noutra, atingiu uma rampa mais íngreme, acelerou a queda, e, finalmente chocando-se violentamente contra outra pedra, virou para cima, atirando o corpo de Zeca — um, dois, três trambolhões — rolou em nova rampa, esfrangalhado, chocou-

<sup>28</sup> CARDOSO, Lúcio. Abismo. *A Noite*, Rio de Janeiro, n. 14.303, p. 9, 16 jan. 1953. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/docreader/348970\\_05/16676](http://memoria.bn.br/docreader/348970_05/16676)>. Acesso em: 10 jan. 2018.

se contra um último obstáculo e afinal foi tombar, inerte, ensanguentado, a poucos metros da rês apodrecida. Então, Donana abriu os olhos.<sup>29</sup>

### *À guisa de conclusão*

Em novembro de 1968, cerca de quarenta dias após o falecimento de Lúcio Cardoso, o jornalista Raymundo de Souza Dantas rememorou, em artigo publicado no *Jornal do Commercio*, o período de convivência com o autor mineiro quando haviam trabalhado juntos na redação de *A Noite*. Referindo-se à natureza da coluna assinada pelo ex-colega, Dantas aludia ao seu fascínio pelos “casos de paixão desatinada”, à sua compreensão dos habitantes do submundo, criaturas deserdadas “que ele costumava ouvir de coração aberto”<sup>30</sup>. A passagem pelo jornal teria consistido em “uma fase de aprofundamento no conhecimento do drama humano em termos de existencial”<sup>31</sup> e, embora os contos — que Dantas considerava como crônicas — não pudessem ser situados no mesmo nível dos livros de Lúcio, seriam presididos por “aquele mesmo sentimento trágico da vida que está impresso em suas obras de ficção”<sup>32</sup>.

O depoimento de Souza Dantas assinala o papel da experiência em *A Noite* para o amadurecimento de Lúcio Cardoso como romancista. Ainda que esse tenha permanentemente se debatido contra a escravidão que o exercício do jornalismo representava — ou, pelo menos, parecia-lhe que representava<sup>33</sup> —, é certo que o trabalho constante nas redações também teve o seu lado benéfico. Se tal observação talvez não valha para as notícias, as reportagens e os artigos que produziu, quando, obrigatoriamente, tinha que ater-se aos fatos, sendo fiel à realidade, pode sem dúvida ser sustentada em relação aos contos. O caráter ficcional desses textos autorizava plenamente a invenção, a livre criação, consistindo em um espaço propício à experimentação de ideias e temas cuja força podia pôr à prova antes de desenvolvê-los mais extensamente nos romances.

No que concerne a *A Noite*, o próprio Lúcio se viu obrigado a explicar que, por vezes, se servia dos fatos como motivos desencadeadores das histórias, que valiam como ponto de partida simplesmente. Na edição 14.152 de 22 de julho de 1952, por exemplo, diante dos protestos de uma leitora desgostosa com o que fora retratado no conto “O crime da lancha” acerca do marido, ele teve que prestar o seguinte esclarecimento:

<sup>29</sup> Op. cit., p. 13-14.

<sup>30</sup> DANTAS, Raymundo de Souza. Lúcio Cardoso, jornalista. *Jornal do Commercio, Suplemento Dominical*, Rio de Janeiro, ano 142, n. 35, p. 6, 10 nov. 1968. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/DocReader/364568\\_15/55689](http://memoria.bn.br/DocReader/364568_15/55689)>. Acesso em: 10 jan. 2018.

<sup>31</sup> Ibidem.

<sup>32</sup> Ibidem.

<sup>33</sup> “Nunca entro no jornal sem cometer uma violência contra mim mesmo”, anotou ele em seu diário no dia 2 de janeiro de 1951 (CARDOSO, Lúcio. *Diários*. Organização, apresentação, cronologia, estabelecimento de texto e notas por Ézio Macedo Ribeiro. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012, p. 318).

“O crime da lancha”

A respeito da história aqui publicada sob este título, recebemos carta da Sra. Bárbara Alves, residente à rua Figueiredo Magalhães, 32, apto. 1210, Copacabana, na qual corrige algumas asserções a respeito de seu falecido marido Antônio Cabral Alves que, segundo ela, era homem de bons costumes, absolutamente diferente do retrato que aqui traçamos como “beberrão”. Tendo sido a nossa intenção apenas a de aproveitar longinquamente o fato, esclarecemos que o personagem da história “O crime da lancha” nada tem a ver com o personagem verídico que foi o esposo da Sra. Bárbara Alves.

L.C.<sup>34</sup>

O que essa nota também revela, mesmo que indiretamente, é que havia público para a coluna, dado que se confirma em reportagem de Gasparino Damata veiculada no *Diário Carioca* na mesma época. Nesse texto híbrido de entrevista, pois Lúcio Cardoso também responde a várias perguntas, Damata conta um pouco jocosamente como havia conhecido o ficcionista, reproduz algumas “das lendas que a seu respeito corriam, de boca em boca, nas rodas literárias”<sup>35</sup>, menciona outras ocasiões em que haviam se encontrado, para, depois, tratar de seu trabalho em *A Noite*:

Escreve uma coluna diária na *A Noite*, da qual recebe milhares de cartas semanalmente, de admiradores de ambos os sexos: romancista de “círculo fechado”, eilo voltado, movido por necessidades financeiras, para o grande público — que ironicamente o redescobre!

[...]

— Imagine você que há quinze anos escrevo romances — todos publicados e alguns esgotados, também — diz o romancista no guichê, recebendo dinheiro de alguns vales liberados. Veja só o que me aconteceu ainda agora: um sujeito me encontrou na rua e me deu parabéns pela coluna que escrevo; chegou mesmo a me dizer assim: “Dr. Lúcio, por que o senhor não escreve um livro? Sabe que o senhor tem até jeito?...”<sup>36</sup>

Em meio a outras questões, Gasparino Damata quer saber se lhe agradava fazer o gênero de novela jornalística a que vinha se dedicando e que estava lhe garantindo

o ganha-pão, além de uma situação estável e público certo, milhares de leitores e leitoras etc...

<sup>34</sup> CARDOSO, Lúcio. “O crime da lancha”. *A Noite*, Rio de Janeiro, n. 14.152, p. 11, 22 jul. 1952. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/DocReader/348970\\_05/13662](http://memoria.bn.br/DocReader/348970_05/13662)>. Acesso em: 10 jan. 2018.

<sup>35</sup> DAMATA, Gasparino. Bate-papo na quinta-feira. *Diário Carioca, Letras e Artes*, Rio de Janeiro, ano XXV, n. 7.418, p. 2, 7 set. 1952. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/DocReader/093092\\_04/15850](http://memoria.bn.br/DocReader/093092_04/15850)>. Acesso em: 10 jan. 2018.

<sup>36</sup> Ibidem.

— Meu caro, o gênero de novela jornalística que faço atualmente não me ajuda em nada absolutamente; porque considero o gênero postigo, e sem interesse real para ninguém; exceto o de exacerbar uma curiosidade malsã e triste que o homem traz dentro de si. Apenas necessito de trabalhar para viver e como outros puseram o gênero em moda, e não eu, a verdade é que me pediram para fazer o mesmo e aceitei de bom grado. Acho, porém, que um esforço literário seria o mais honesto e por que não tentar escrever direito aquilo que pensamos, embora sem estimar, e que escrevemos por necessidade?<sup>37</sup>

O ressentimento que se manifesta em tais palavras é nítido. Ao contrário do que desejava, seu nome alcançava prestígio devido a “O crime do dia” e não aos livros que lançara até então, o que talvez explique o pouco valor dado por ele aos contos, a despeito do que podem ter significado para sua carreira de romancista. Resta, para concluir, conjecturar se não teria sido esse o principal fator que o levou a abandonar a redação da coluna meses mais tarde, pondo fim a seu sucesso com os leitores de *A Noite*.

## Referências

### De Lúcio Cardoso

#### Livros

CARDOSO, Lúcio. *Crônica da casa assassinada*. Ed. crítica coord. por Mario Carelli. Espanha: Arquivos, CSIC, 1991.

CARDOSO, Lúcio. *Diários*. Organização, apresentação, cronologia, estabelecimento de texto e notas por Ésio Macedo Ribeiro. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

CARDOSO, Lúcio. *Inácio, O enfeitado e Baltazar*. Pref. e org. de André Seffrin. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

CARDOSO, Lúcio. *O viajante: romance (obra póstuma)*. Nota de Aduato Lúcio Cardoso. Introdução de Octavio de Faria. Rio de Janeiro: José Olympio, 1973.

#### Contos

---

<sup>37</sup> Ibidem.

CARDOSO, Lúcio. A sedutora. *A Noite*, Rio de Janeiro, n. 14.132, p. 11, 28 jun. 1952. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/DocReader/348970\\_05/13230](http://memoria.bn.br/DocReader/348970_05/13230)>. Acesso em: 10 jan. 2018.

CARDOSO, Lúcio. A visita. *A Noite*, Rio de Janeiro, n. 14.447, p. 9, 9 jul. 1953. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/docreader/348970\\_05/19411](http://memoria.bn.br/docreader/348970_05/19411)>. Acesso em: 10 jan. 2018.

CARDOSO, Lúcio. Abismo. *A Noite*, Rio de Janeiro, n. 14.303, p. 9, 16 jan. 1953. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/docreader/348970\\_05/16676](http://memoria.bn.br/docreader/348970_05/16676)>. Acesso em: 10 jan. 2018.

CARDOSO, Lúcio. Mentirosa. *A Noite*, Rio de Janeiro, n. 14.190, p. 11, 4 set. 1952. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/docreader/348970\\_05/14448](http://memoria.bn.br/docreader/348970_05/14448)>. Acesso em: 10 jan. 2018.

CARDOSO, Lúcio. Notas de um diário. *A Noite*, Rio de Janeiro, n. 14.292, p. 9, 3 jan. 1953. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/DocReader/348970\\_05/16470](http://memoria.bn.br/DocReader/348970_05/16470)>. Acesso em: 10 jan. 2018.

CARDOSO, Lúcio. O açogue. *A Noite*, Rio de Janeiro, n. 14.174, p. 11, 16 ago. 1952. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/docreader/348970\\_05/14104](http://memoria.bn.br/docreader/348970_05/14104)>. Acesso em: 10 jan. 2018.

CARDOSO, Lúcio. O sacristão. *A Noite*, Rio de Janeiro, n. 14.327, p. 5, 13 fev. 1953. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/docreader/348970\\_05/17170](http://memoria.bn.br/docreader/348970_05/17170)>. Acesso em: 10 jan. 2018.

CARDOSO, Lúcio. Um golpe. *A Noite*, Rio de Janeiro, n. 14.245, p. 9, 7 nov. 1952. Acesso em: 10 jan. 2018. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/docreader/348970\\_05/15524](http://memoria.bn.br/docreader/348970_05/15524)>. Acesso em: 10 jan. 2018.

CARDOSO, Lúcio. Vingança. *A Noite*, Rio de Janeiro, n. 14.424, p. 11, 12 jun. 1953. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/docreader/348970\\_05/18997](http://memoria.bn.br/docreader/348970_05/18997)>. Acesso em: 10 jan. 2018.

## Entrevista e nota

CARDOSO, Lúcio. Lúcio Cardoso considera-se um grande pecador, porém confia na indulgência divina. *Boletim Bibliográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, vol. 7, n. 4, maio 1959. Entrevista concedida a Walmir Ayala.

CARDOSO, Lúcio. “O crime da lancha”. *A Noite*, Rio de Janeiro, n. 14.152, p. 11, 22 jul. 1952. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/DocReader/348970\\_05/13662](http://memoria.bn.br/DocReader/348970_05/13662)>. Acesso em: 10 jan. 2018.

## Sobre Lúcio Cardoso

DAMATA, Gasparino. Bate-papo na quinta-feira. *Diário Carioca, Letras e Artes*, Rio de Janeiro, ano XXV, n. 7.418, p. 2, 7 set. 1952. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/DocReader/093092\\_04/15850](http://memoria.bn.br/DocReader/093092_04/15850)>. Acesso em: 10 jan. 2018.

DANTAS, Raymundo de Souza. Lúcio Cardoso, jornalista. *Jornal do Commercio, Suplemento Dominical*, Rio de Janeiro, ano 142, n. 35, p. 6, 10 nov. 1968. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/DocReader/364568\\_15/55689](http://memoria.bn.br/DocReader/364568_15/55689)>. Acesso em: 10 jan. 2018.

LAMEGO, Valéria Fernandes. É quase tudo ficção: Lúcio Cardoso e O crime do dia. (Ciclo de Conferências “Cadeira 41”, promovido pela Academia Brasileira de Letras sob a coordenação de Ana Maria Machado). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=50XABvDjQco>>. Acesso em: 10 jan. 2018.

LAMEGO, Valéria Fernandes. *O conto e a vida literária de Lúcio Cardoso (1930-1950)*. Rio de Janeiro, 2013. 186 f. Tese (Doutorado em Literatura, Cultura e Contemporaneidade), Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Disponível em: <[http://www.dbd.puc-rio.br/pergamum/tesesabertas/0912718\\_2013\\_completo.pdf](http://www.dbd.puc-rio.br/pergamum/tesesabertas/0912718_2013_completo.pdf)>. Acesso em: 10 jan. 2018.

O CRIME do dia: Lúcio Cardoso, brilhante escritor, um novo companheiro de trabalho. *A Noite*, Rio de Janeiro, ed. 14.059, p. 1 e 12, 2 abr. 1952. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/DocReader/348970\\_05/11860](http://memoria.bn.br/DocReader/348970_05/11860)> e <[http://memoria.bn.br/DocReader/348970\\_05/11871](http://memoria.bn.br/DocReader/348970_05/11871)>. Acesso em: 10 jan. 2018.

SANTOS, Cássia dos. O criador e a criatura: notas sobre a concepção de Nina da Crônica da casa assassinada. *Revista Brasileira*, Rio de Janeiro, Fase VIII, ano I, n. 72, p. 211-228, jul./set. 2012. Disponível em: <<http://www.academia.org.br/sites/default/files/publicacoes/arquivos/revista-brasileira-72.pdf>>. Acesso em: 10 jan. 2018.

SANTOS, Cássia dos. *Uma paisagem apocalíptica e sem remissão: a criação de Vila Velha e da Crônica da casa assassinada*. Campinas, SP, 2005. 282 f. Tese (Doutorado em Teoria e História Literária), Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas. Disponível em: <<http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/270213>>. Acesso em: 10 jan. 2018.

Recebido em: 18 de fevereiro de 2018

Aceito em: 14 de novembro de 2018